

ENTREVISTA COM FLÁVIO JOSÉ CARDOZO

MARLOVA GONSALES ASEFF

Universidade Federal de Santa Catarina
marlova.aseff@gmail.com

ANDRÉA CESCO

Universidade Federal de Santa Catarina
andrea.cesco@gmail.com

Poucos sabem, mas devemos ao escritor catarinense Flávio José Cardozo a primeira iniciativa de verter a obra do argentino Jorge Luis Borges para o português. Foi no final da década de 60, quando Cardozo e a jornalista Cremilda de Araújo Medina trabalhavam no departamento editorial da Editora Globo de Porto Alegre. Admiradores da literatura de Borges, sugeriram sua publicação à direção da casa. Depois de um “trabalho de persuasão” levado a cabo por ambos, a Globo providenciou a compra dos direitos de *Ficciones* e, logo depois, de *El Aleph*. Nesta entrevista, ele conta como enfrentou a tarefa de traduzir duas importantes obras do argentino – *El Aleph* e *Historia Universal de la infamia* – e de sua relação um tanto dolorosa com o ato de traduzir.

Revista Fragmentos: Quando foi o seu primeiro contato com a literatura de Borges?

Flávio José Cardozo: Foi quando eu trabalhava na Editora Globo. Eu saí de Santa Catarina e fui para Porto Alegre, e pouco tempo depois, comecei a trabalhar na Editora Globo. Primeiro, num departamento de produções, depois, em função da minha atividade literária, ganhei um prêmio como contista, e passei para a parte editorial da editora. Tive contato com uma pessoa que até hoje é minha grande amiga, a Cremilda de Araújo Medina. Nós fomos colegas no departamento editorial e trocávamos muitas impressões de livros, leituras e tal. Lemos Borges e sugerimos à direção da Globo a contratação das obras dele, nunca publicadas no Brasil.

R. F.: Isso ocorreu em que ano?

F. J. C.: Isso foi em 1969.

R. F.: E qual foi a sua primeira impressão?

F. J. C.: Foi algo fantástico, a revelação de um universo muito particular. Borges tem uma literatura que há muito já mereceu, com toda razão, o seu próprio adjetivo. Falamos de uma literatura borgeana. É um dos poucos escritores do século que tiveram direito a esse selo. Aquilo me encantou muito. Estávamos num momento de revelação de grandes autores latino-americanos. Borges merecia maior divulgação no Brasil. A descoberta dele deu um grande impacto.

R. F.: A tradução brasileira também foi bem tardia, não é?

F. J. C.: Exatamente. Cremilda e eu fizemos um bom trabalho de persuasão junto à direção da Globo, que acabou acertando os direitos de tradução com a Emecé, editora de Borges em Buenos Aires. Contratamos primeiro o *Ficciones*. A tradução foi confiada ao Carlos Nejar. Até hoje os direitos de publicação da obra de Borges no Brasil são da Editora Globo, agora da nova Globo.

R. F.: Então o senhor não foi o primeiro tradutor de Borges no Brasil?

F. J. C.: Não, o primeiro foi o Nejar. Mas quase simultaneamente, contratamos *El Aleph*, que foi traduzido por mim. Então saiu o *Ficções* e logo depois já saiu *O Aleph*. Mas eu me considero, com alegria, como participante desse processo de esforço para colocar o Borges no catálogo da Globo. Mais adiante também traduzi *Historia universal de la infancia*.

R. F.: E você teve dificuldades para traduzir Borges?

F. J. C.: Essa aventura de traduzir é uma experiência que, para ser honesto, eu não repetiria com muito prazer. É o receio da traição. O receio das inconveniências, até por excesso de zelo, de respeito pelo autor traduzido. No caso de Borges, especialmente, que tem todo aquele universo que conhecemos... Há armadilhas nesse processo de traduzi-lo. Do ponto de vista formal, ele não é um tipo rigoroso, tem uma linguagem muitas vezes bem

simples, despreocupada. A gente pode ser tentado a querer, entre aspas, “melhorar” o Borges. Imagine...

R. F.: E ele teve a preocupação de não ser barroco, de romper com isso...

F. J. C.: Exatamente. E nós temos uma certa tendência de embelezar a forma.

R. F.: Essa foi uma preocupação sua então?

F. J. C.: Uma preocupação que levava o pobre tradutor ao sacrilégio de pensar: “Isto aqui parece um descuido”. Que pretensão, não é? Um capricho formalista. Aliás, Borges dizia que escrevia e reescrevia, mexia e remexia, e no fim ainda dava uma outra mexida no texto para ficar parecendo que aquilo tudo foi feito de improviso e com descuido (risos). Ele dizia que gostava de revisar, não para deixar a coisa arrumadinha, mas para dar uma impressão de que aquilo saiu com muita simplicidade, naturalidade. Essa era a minha preocupação, a preocupação com a traição fácil e também com uma fidelidade que não fosse subserviente, presa demais.

R. F.: Como você se preparou para a tarefa? Chegou a ler outras traduções, em outras línguas, biografias, críticas?

F. J. C.: Não. Eu li a obra, me introduzi o quanto pude na obra dele. Quando traduzi já conhecia os textos de ficção, os ensaios, a poesia. Já tinha uma certa familiaridade com o seu mundo, seus temas recorrentes, a linguagem. Nunca fui nem sou um especialista em Borges, apenas tomei o necessário cuidado para procurar entrar naquele universo. Essa foi uma preocupação.

R. F.: Quais as características do estilo do Borges que mais lhe agradam e as que não lhe agradam tanto?

F. J. C.: Ele me agrada em praticamente tudo. É um escritor personalíssimo tanto em conteúdo quanto no jeito de se exprimir. Toda a obra dele é particular – temas muito seus, aquela simplicidade, a forma correntia, muita sutileza, ironia. Ele tem um humor bem refinado. Foi um excelente improvisador, as entrevistas que deu são um capítulo à parte em sua obra, que tem tantos e tantos momentos brilhantes, aquelas ousadias de criação de mundos paralelos, muito de imaginação, de cultura humanista, de gosto pela mitologia. Ele aproveitou muito os valores da mitologia. Também me agrada muito o fato de ele ser universal, transcendente, muitas vezes, e de ter uma certa fidelidade ao seu chão, como argentino. Digo uma “certa fidelidade” porque foi também bastante severo ao falar da sua terra. Às vezes até de uma maneira que aos argentinos parecia agressiva.

R. F.: Ele consegue ser local e universal...

F. J. C.: É isso. Sua obra tem aspectos muito ligados à terra, a uma concepção que ele tem do chão natal. Mas não é o homem da terra como um herói.

Às vezes ele é contraditório; contradições que são, a meu ver, propositais para mostrar o seu potencial criativo. O contraditório de Borges, muitas vezes mostrado em entrevistas e escrevendo mesmo, acho que é para mostrar que o escritor pode se permitir mentir um pouco também, além da sua ficção. Mente também na ação, mas sem maldade, como quem diz assim: “A minha vida também pertence ao meu universo de escritor”. Então, você vê no Borges contradições. Há momentos em que ele se contradiz um pouco, mas sem deixar de ser brilhante.

R.F: Borges influenciou o seu modo de escrever?

F. J. C.: Não, acho que não. Quando descobri Borges e mergulhei nos seus escritos, eu já tinha alguns fundamentos próprios em minha visão literária. Ele é um escritor intelectualizado. Borges é completo nesse aspecto da mente voltada para o estético, o fazedor de arte com uma grande formação cultural. Então, penso que a literatura dele não influenciou a minha. A minha é uma experiência mais terra-a-terra, mais de relações de vida cotidiana, a dele é de uma alta concepção, alcança níveis de indagação filosófica. Claro que ele enriqueceu minha visão sobre a diversidade de modos de fazer literatura.

R. F: Existe algum conto seu em especial que tenha alguma identidade com Borges?

F. J. C.: Eu não diria isso. Se tenho algum conto que pode merecer alguma atenção nesse aspecto, talvez seja um chamado “Malvina Queluz, assim fugaz qual um peixe” – há nele um quê de mistério, de sugestão, de contenção proposital... sei lá... é uma narrativa curta que se baseia num episódio muito simples, com algumas sutilezas que, sem terem pretendido qualquer aproximação, às vezes me parecem alinhadas um pouco na forma contida de Borges.

R. F: Você traduziu outros autores depois disso?

F. J. C.: Não. Na verdade, minha experiência de tradutor foi, digamos, uma experiência doméstica. Eu era da Globo. Foi meio na base da aventura. Nunca me propus a fazer carreira de tradutor. Mas foi uma experiência muito interessante, embora tão perigosa. Borges falava dos questionamentos que se faz à tradução e a defendia como um gênero perfeitamente lícito, respeitável. Em resposta aos que negam o valor da tradução, ironizava, mais ou menos assim: “Todo mundo concorda que a literatura russa é magnífica, mas pouquíssimos lêem a literatura russa no original. Como que a consideram magnífica se só a conhecem traduzida? Todos concordam que na Bíblia há momentos de alta poesia, mas poucos sabem aramaico, hebraico, grego. É um sinal de que confiam nas traduções”.

R. F: Borges não se importava muito com essa questão da fidelidade...

F. J. C.: Ele até dizia que temos que admitir a tradução como uma espécie de rascunho do original. Se o leitor rigoroso encontra imperfeições até no original, imagina no texto traduzido.

R. F.: Qual é o conto de Borges que você prefere?

F. J. C.: “Emma Zunz” e “A intrusa” me agradam especialmente.

R. F.: Você privilegiou a língua de partida ou a de chegada? E termos como “compadrito”, por exemplo, por que você optou por mantê-lo?

F. J. C.: Tentei ficar o máximo possível dentro do contexto original e foi preciso muito cuidado com a proximidade às vezes tão enganosa que existe entre as duas línguas. Podemos ser levados a soluções equivocadas. Quando não tinha saída, eu colocava uma nota, mas foram poucas. No caso de “compadrito”, por exemplo, eu mantive, pois é um termo que tem um cunho cultural muito específico. Há palavras que precisam ser preservadas numa tradução.

R. F.: Você lembra de trechos que tenham lhe exigido um esforço maior?

F. J. C.: Houve vários. Principalmente as referências, as citações, nem sempre comprováveis ou verdadeiras. Eu consultava enciclopédias. Às vezes, a melhor solução era deixar como o autor havia escrito. Há esse problema: até que ponto o tradutor peca por não ousar?

RF: Muitos escritores brasileiros se dedicaram à tradução. Você acha que esse fato influenciou a literatura brasileira?

F. J. C.: Sim, sem dúvida. O Brasil teve grandes tradutores. A Editora Globo trabalhou com um quadro de tradutores excepcionais.

R. F.: Naquela época, você chegou a conhecer Mario Quintana?

F. J. C.: Sim. Quando eu entrei na Globo, ele já havia dado sua grande contribuição como tradutor. Traduziu Proust, Voltaire... Traduzia do francês e do inglês. A gente se dava muito bem e isso foi uma honra para mim. Um dia, fui conversar com ele na redação do “Correio do Povo” para convidá-lo a traduzir a poesia de Borges. E ele se negou. Me mandou uma carta dizendo que não traduzia poesia. Não ousava fazer isso com Borges... Deixei essa carta nos arquivos da Globo, nem me ocorreu ter tirado uma cópia dela. Para mim, foi uma demonstração de muita humildade.

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

Flávio José Cardozo nasceu em Lauro Müller, SC, em 1938. Frequentou o Curso de Jornalismo da PUC-RS. Trabalhou no Departamento Editorial da

Editora Globo de Porto Alegre, foi diretor da Imprensa Oficial de Santa Catarina e da Fundação Catarinense de Cultura. Integrou por vários anos o Conselho Estadual de Cultura e pertence à Academia Catarinense de Letras.

Como ficcionista, publicou *Singradura*, Porto Alegre, Globo, 1970, 2ª ed. Porto Alegre, Movimento, 2002; *Zélica e outros*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978, 2ª ed. São Paulo, FTD, 2001, e *Longínquas baleias*, Florianópolis, Lunardelli, 1986. Tem-se dedicado também à crônica, com larga atuação na imprensa. Manteve por oito anos coluna diária de crônica no *Diário Catarinense*. Publicou nesse gênero: *Água do pote*, Florianópolis, Lunardelli / UFSC, 1982; *Sobre sete viventes*, Florianópolis, Sanfona, 1985; *Beco da lamparina*, Florianópolis, Lunardelli / Diário Catarinense, 1987; *Sofá na rua*, Florianópolis, ACES, 1988; *Tiroteio depois do filme*, Florianópolis, Lunardelli / Diário Catarinense, 1989; *Senhora do meu Desterro*, Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes / Lunardelli, 1991, *Trololó para flauta e cavaquinho* (em parceria com Silveira de Souza), Florianópolis, Garapuvu, 1999; *Uns papéis que voam*, São Paulo, FTD, 2003. Estreou na literatura infanto-juvenil com *O tesouro da Serra do Bem-bem*, São Paulo, Saraiva, 2002. Tem prontos os originais de *Coisas do azul* e *Pontas que nem punhais*, este último ambientado numa vila de mina de carvão, no sul de Santa Catarina, região em que nasceu e passou a infância. Participou de diversas coletâneas de contos. Com Salim Miguel e Silveira de Souza organizou as coletâneas *Este mar catarina*, *Este humor catarina* e *Este amor catarina*. Trabalhos seus têm sido adaptados para o teatro e o cinema. Mora em Santo Antônio de Lisboa, interior da Ilha de Santa Catarina (Florianópolis).